

NATÉRCIA PONTES

Os tais caquinhos



Querido papai, um beijo pra você
Nota 3,5
Abigail, minha filha
Morra, saudade
Tapa-olho
Lúcio sonega informação
Suco de língua
Cheiro de gás
Conjuntivite
Carnaval abandono
Cheiro de corpo
Golpe de panela
Ovo galado
Mística natural
As coisas não precisam de você
Sonhos de salitre
Gritar para o mar
Lúcio, meu pai
Espinha dorsal de sardinha
Céu verde
Período de defeso
Marca de bcg
Perfeito como um joelho esfolado
Bebam água
Ínguas inchadas
Linha requenguela
Afogamento em 1983
Vocês precisam se unir
Ilhas de flocos de nescau
Urso-polar enlouquecendo na ilha

Isso não é lixo
Areia nos olhos
Funil arregaçado
A persistência da memória
Saiu e não deu bolas pra ninguém
Gritar coleção perdida do júlio verne
Montada no cavalo de ferro
Dormir no chão nos dias mais quentes
Quebrou não tem mais jeito
Rasgando os papéis com excelência
Pelejando atenção
Dança da fada açucarada
Os mapas mentem
Observações de pai para filha
A mala mortífera
As vezes em que lúcio existiu enquanto eu dormia
O sangue nas mãos por debaixo do mar
Outros olhos e armadilhas
Quando eu vou parar de te matar?
Bolha de catarro
Num lugar ainda mudo
Não tem o p do perigo
Mãe fantasmal
Sumidouro
Endoidecido gafanhoto
A pancada do mar
Coração sujo
Eu volto pra te ver
Eu quero a morte, por que a morte não me vem?
Cadafalso

Batimentos cardíacos ausentes
Beba água, filha
Casulo de edredom
Pão cediço
Branção, desmanche
Fortaleza suja
Mãe
Meninas sem lei
Abigail, caprichei nos seus olhos
Estou grávida de chão
Camisa do obituary
Seu coração menstruado
Não vale morrer
Eu tô grávida, cada vez mais grávida, de uma nota musical
Uma montanha, um cordão umbilical
A música começa com uma pergunta
Ser tão distante de si que não sabe a quantidade de açúcar
que lhe agrada
Casa dos outros

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Para Isadora, minha Manon

*Pra terminar,
Quem vai colar
Os tais caquinhos
Do velho mundo?*

Antonio Cicero

JORRO DE CERA

Daí que estavam Neca e Clau debruçadas sobre meu corpinho encolhido naquele apartamento limpo e ventilado. Cada uma munida de uma pequena haste azul com pontas de algodão. Neca se incumbiu da orelha direita. Clau, da esquerda. As duas trocaram olhares cúmplices, engoliram em seco e começaram a faxina. Cotonetes e mais cotonetes zarparam das mãozinhas ágeis em direção ao cesto de lixo. Compenetradas, faziam caras e bocas, inflamando as expressões, dilatando as narinas e esbugalhando os olhos com fascínio e repugnância. Todas as pontas carregadas de uma matéria marrom. (Não digo a palavra “cera” porque acredito que sua definição vai além: cera, cera velha e o indizível, o incompreensível.) Neca e Clau desprezavam minha presença e comentavam entre si o alto grau de imundice dos meus ouvidos. Exclamavam chocadas: “Mas não é possível! Não acaba nunca!” e exibiam exultantes as pontas dos cotonetes encharcadas de uma pasta escura e gordurosa. Constrangida, eu me encolhia no banquinho que me foi cedido para ficar quieta e morrer de vergonha por nunca ter usado um cotonete na vida. Surda, surda, como uma tampa do pote de margarina, embora lá longe ouvisse o mar encrespar. Noutra vez, uma bola de cerume rolou orelha afora. Eu comia um folhado de frango, acompanhada da Juniana. Passávamos o recreio no ginásio de esportes, lá em cima, entediadas e sentadinhas no último banco da arquibancada. Foi

aí que Juniana, como se tivesse visto um inimigo, berrou, franzindo a imensa testa e apontando para minha orelha: “Tem um bicho aí!”. Meti o dedo no ouvido. Inspeicionei a cavidade e percebi que o objeto em questão tinha pelos. Não era um bicho. Era cera. Uma maçaroca esférica e peluda de cera. Ao tocar o corpo estranho fui muito rápida em meu julgamento. Fingi ser um inseto delirante. “Ai, que nojo, Juniana! Eca!” Corri para o banheiro. Fechei a porta da cabine. Contei até trinta. Dei descarga e, com a pálpebra tremendo, voltei para a aula depois de ouvir o sinal tocar.

402, RECANTO DOS TACOS SOLTOS

Meu apartamento não era ventilado e limpo como o de Neca. Nem asséptico e com cheiro de lavanda como a cabine do banheiro do colégio. Naquele lar as baratas não sofriam acuadas. Mesmo que, num mau dia, uma ou outra fosse esmagada pela ira existencial dos inquilinos (minha família), podia-se muito bem considerar nossa casa um local seguro para esses dóceis insetos de patinhas serrilhadas. Os insetos adoravam dormir nas xícaras, explorar os recônditos dos nossos tênis, mergulhar no resto de água do garrafão, palmilhar nossas escovas de dentes. Havia um cheiro doce de barata que incensava nossa vida. Havia um consenso íntimo também. Eu fazia vista grossa à infestação dos insetos e, em troca, esperava que houvesse o mínimo de respeito da parte deles. O de não subir em meu rosto enquanto eu dormia, por exemplo. Na maior parte do tempo as baratas cumpriam nosso acordo tácito e permitiam que a vida fosse mais suportável. Muitas vezes eu esquecia delas e dormia enrolada no lençol fino e cheirando a sebo. Mas cedo ou tarde encontrava uma patinha solta na gaveta de talheres ensebados da cozinha, e a vida voltava a ser indecifrável, como o nosso apartamento escuro, onde a luz não batia na sala. Até porque não havia sala. Havia um depósito de caixas de papelão entulhadas de livros que esfarelavam com o tempo. Algumas das caixas tiveram que ocupar a varanda por falta de espaço. Então chovia, e as caixas

ficavam encharcadas e depois secavam com o vento e o sol. Passados uns anos, elas viraram um monturo de mofo e de ninho de cupim. A ideia de abrir a porta de vidro com esquadrias enferrujadas era tão apavorante que decidimos não a abrir nunca mais.

ATÉ ZOMA PARTIR LEVANDO CONSIGO HUGA E ARIEL

E foi assim. Sobramos nós: eu, Berta e Lúcio e as baratas. Mas Lúcio gostava da rua e nela ficava o tempo que fosse possível. Ficava até o galo cantar e o sol subir. Quando voltava, rodava a chave com cuidado, verificava a mangueira do gás e fechava as janelas de correr deixando uma fresta. O vento assobiava mortiço, ninando nossa insônia adolescente. Na hora de ir para o colégio, Berta e eu catávamos nossos uniformes embolados no monte de roupa suja que jazia na área de serviço. Os caminhos intrincados das rachaduras nos azulejos da área de serviço. Os azulejos amarelos da área de serviço. De onde avistávamos a vizinhança através dos buracos dos cobogós, o quintal úmido da casa grande, lavado com fortes jatos de mangueira pela empregada magra. A outra casa sem muros, em cujas paredes cresciam unhas-de-gato lenhosas. E o condomínio grã-fino, cuspiendo varandas helicoidais, recheadas de samambaias. Lá fora tudo parecia estar em ordem. Lá dentro a louça era desencontrada, assim como os trapos de cama e de banho. Lá dentro os quadros estavam sempre por ser pendurados e as panelas exibiam depressões, nódoas pretas, tampas avulsas e cabos soltos. Havia uma camada de gordura na superfície dos poucos móveis de que dispúnhamos. E a ausência de sofá me envergonhava fundo. Lembro de abrir a geladeira e sentir um vapor frio e sulfuroso. Algum iogurte

*image
not
available*

nos unia, um sentimento bruto de família, uma cumplicidade gelatinosa que nos protegia como uma placenta. Estávamos juntos. Éramos juntos. Os olhos de gato nos vigiando, perscrutando nossos caminhos íntimos, adivinhando nossos próximos passos. E no mesmo táxi voltávamos para casa arrotando mousse. Essa era a única refeição do dia. A não ser que pedíssemos ovos às vizinhas.

*image
not
available*

lembrancinhas de festa de aniversário. Tudo arrumado de uma maneira tortuosa, à deriva, embora seguisse uma linha quase harmônica, um caminho de formiga. Sobrava um pequeno espaço para Lúcio dormir. Em minha tormenta abafada, sonhei com minúsculas garras de duende avançando por debaixo da cama. Seus dedos finos e nodosos, afiados com pequenas unhas negras, tentavam me caçar. Eu me encolhia no canto do colchão, encostada na parede fria. Das bolhas que cresciam no lençol, e que eu explodia com tapas nervosos, brotavam borboletas de pelúcia branca. Aranhas delicadas de aço escalavam a parede e se misturavam nos desertos e nas falésias do Salvador Dalí. O espírito de Rona cruzava as pernas ao meu lado, soprando baforadas gordas de fumaça e entabulando uma conversa na outra em línguas guturais e incompreensíveis e nunca cedendo a uma pausa para que eu interviesse, para que eu pudesse expor meu ponto de vista. Rona era uma amiga mais velha que jamais olhava nos olhos. Um dia deu pra dizer que via um espírito acompanhando a gente (eu, Berta e Lúcio). Um espírito que cheirava a enxofre, vestia preto e provavelmente escapulira do casting de uma novela das sete. Rona estava certa; um sopro pesado suspirava uma nota grave de longa sustentação. Nossa casa era ruim.

*image
not
available*

comer um belo prato de arroz, carne moída e feijão. Fantasiávamos com uma jarra espumante de suco de abacaxi. Mergulhávamos na possibilidade intangível de saborear, ao fim do almoço, cubinhos de sorvete de abacate, cobertos por uma generosa calda de leite condensado. Mas o que havia era um pinga-pinga incessante que inchava a pintura do teto, um pote de margarina onde repousava uma cebola velha. Havia também minhas questões quanto às roupas de Berta, visivelmente mais bonitas e preservadas e interessantes que as minhas. Então eu costumava surrupiá-las e manchá-las e perdê-las, o que fazia com que Berta estivesse constantemente irritada comigo. Uma vez, depois de não termos almoçado por mais um dia e de termos telefonado para Lúcio e recebido a sábia lição de que, sim, era muito importante sentir fome, Berta bufou porque não conseguia achar uma saia jeans. Então, já habituada a mentir, eu menti, já habituada a desafiá-la com ironia e desdém, eu desafiei Berta com ironia e desdém. Ela explodiu com uma fúria desconhecida e me disse com os olhinhos de gafanhoto, borbulhantes de alguma certeza gloriosa, esbravejando, você não sabe de nada, você não sabe de nada! Foi aí que ela abriu as gavetas quebradas da cômoda e tirou enfurecida todas as minhas peças de roupa, incluindo calcinhas encardidas e fitilhos avulsos e meias sem par e biquínis frouxos, então pegou toda a montanha de roupas e, como um estivador enérgico, lançou cada uma delas pela janela, quatro andares abaixo. Não satisfeita, catou todos os meus sapatos molambentos e jogou-os também janela afora. Lembro de ver o meu tênis amarelo traçar uma parábola perfeita e ir parar no terreno baldio logo à frente. Lá embaixo, no pátio comum, nossos amigos do prédio, e mesmo as

*image
not
available*

LÚCIO DEVOLVE PERGUNTAS

Até aqui eu e Berta já havíamos brigado como hienas, perdido nossa virgindade nas camas mais estreitas e experimentado todas as drogas ilícitas disponíveis no mercado. Eu fazia questão que todos os conhecidos viessem à minha casa para fumar maconha, inclusive aqueles que eu ainda não conhecia. O interfone tocava, eu atendia e o porteiro que não era burro nem nada anunciava com a voz empastelada o nome do visitante: É o seu amigo Carlinhos. Pode subir. É o seu amigo Samu. Pode subir. É o seu amigo Euvaldo. Pode subir. É o seu amigo Igor. Pode subir. É o seu amigo Glênio. Pode subir. É o seu amigo Marlos. Pode subir. É o seu amigo Bruno. Pode subir. É o seu amigo Maisena. Pode subir. É o seu amigo que vem aqui todo dia e tem os olhos fundos e as bermudas arriadas e o cabelo ensebado e um cheiro azedo e usa uma chinela de cada cor e veste camisa de bandas de metal pesado e costuma fumar cigarro picado e maconha adulterada com urina e tem por hábito tomar cachaça às talagadas e cheirar clorofórmio armazenado num frasco de desodorante barato. O palco para toda essa costumeira lambança era o meu quarto desconfortável. Sentávamos todos em semicírculo e passávamos o baseado de mão em mão. Eu fumava e tragava e, enquanto deveria estar estudando para a prova de eletroquímica, falava alguma palermice sem cabimento cuspiendo fumaça e nasalando uma voz de pato. Derretíamos de

*image
not
available*

MAMÃO PAPAIA COM RASPAS DE LIMÃO

Lá para o meio-dia, quando a aula acabava, íamos todos para o self-service que ficava a poucas quadras dali. Quando digo todos, digo mais ou menos oito ou nove adolescentes famintos, incluindo o Gérson, que pesava mais de noventa quilos e respondia pela alcunha de Fausto Silva. A conta ficava por Lúcio. O Meira, dono do restaurante e seu antigo colega de trabalho, abria uma exceção e deixava as filhas do amigo e seus convidados em número irrestrito se abarrotarem à vontade, no modo “fiado”, claro, e, quando pudesse — o período estipulado podia significar uma semana, vinte dias ou longos meses; tudo dependia do eventual “dinheirinho” que pingasse na conta de Lúcio —, aí sim, ele pagava o montante consumido pelas duas adolescentes famintas e sua corja empachada. Quando digo empachada, eu quero dizer 750 gramas da mais succulenta picanha assada na hora, mais quatro colheres grandes de purê de batata, três camadas de macaxeira frita, empilhadas porque falta espaço no prato, então é preciso empilhar as macaxeiras que pesam de gordura, mais uma generosa porção de arroz e outra de farofa, porque ninguém é de ferro, um tiquinho assim de feijão tropeiro, já que não é todo dia que se come feijão tropeiro, e, obedecendo à mesma lógica, duas fatias largas de lasanha à bolonhesa, duas latas de coca-cola para molhar a garganta e, se alguém tiver cortado o refrigerante da dieta, como a Mariana, a melhor amiga da Berta, fez depois de

*image
not
available*

ANTES DE OS BARCOS PARTIREM

Filhas, já são cinco horas da tarde e Zoma está indo buscar vocês quatro na escola: Abigail, Berta, Huga e Ariel — nem acredito que Ariel já aprendeu o nome das cores. Estou aqui em casa fazendo de conta que vejo TV. Fingindo para mim mesmo. É muito bom poder inventar coisas para nós mesmos, e apreciá-las. É engraçado que nós podemos assistir na TV às mesmas coisas na mesma hora. Em qualquer lugar do país a TV é sempre a mesma e quer sempre o mesmo — que a gente deixe de ver as diferenças e semelhanças e não converse sobre a nossa vida. A TV quer exclusividade. Que coisa! Conseguem! (Pessoalmente, não sou contra as novelas. Sou a favor dos meus assuntos.) Na novela que finjo ver, navios chegam, atracam e descarregam num porto. Outros navios já carregados apitam e partem. Da janela do arranha-céu, o mocinho trabalha e vê o trabalho dos outros, nos navios, ali na enseada. Mas do porto, os outros não veem o trabalho do mocinho em seu escritório, no arranha-céu. Acho isso muito interessante de pensar. Esta cartinha não tem motivo e está muito pensadora, né? Desculpem. Estou sem ter com quem conversar e escrevi desse jeito. Acho que vocês iam gostar de ver isso — o movimento dos barcos num porto. Vamos ver algum dia. Acabou de cair uma gota d'água nesse bilhete. Goteira chata. Temos que consertá-la. Filhas, estou aqui. Beijos de amor e alegria. Lúcio.

*image
not
available*

É MUITO BOM SENTIR FOME

Talvez a maior das lições de Lúcio. A segunda é que cultivássemos o pensamento livre, sem muitas certezas. Embora entendesse de uma maneira intuitiva e nada palpável o que Lúcio queria nos dizer com isso, eu me acostumei a exercitar a dúvida acerca de tudo. Por exemplo: a) portas fechadas nem sempre significavam intransigência ou desprezo da sua família. Podiam muito bem apontar para uma necessidade sadia de estar sozinho, assim como de manter seus objetos a salvo de pequenos acidentes domésticos e furtos. E se esses objetos significassem caixas de suco ou pacotes de biscoito recheado, nada mais compreensível, pois; b) caixas e mais caixas de papelão ondulado amontoadas umas sobre as outras e abauladas devido ao excesso de conteúdo e de umidade, cheias de traças e seus casulos cinza colados na superfície como minúsculas arandelas carcomidas pelo tempo, não denotavam desleixo, falta de higiene e ausência de asseio com o lar, pelo contrário, os escombros daquele grosso papel pardo brindavam o ambiente com um charme intelectual, sobretudo quando tomos coloridos dos mais diversos títulos despontavam das quinas gastas; c) o cheiro doce de barata não era atenuado exclusivamente com o hábito de limpar a casa, outra alternativa sempre à mão era esguichar o sumo da casca da laranja no olho de uma desavisada Berta; d) a ausência de liquidificador em nossa cozinha contrastando com a presença

*image
not
available*

nos tomos gordos e amarelados das listas telefônicas e na programação da TV a cabo; v) a sua casa não é tão tantã assim, mesmo que possa ser fielmente descrita como um ferro-velho de decodificadores de TV a cabo; x) usar sacolinhas plásticas de supermercado para guardar tudo, eu disse absolutamente tudo (alimentos, relógios sem bateria, certidões de nascimento, chinelas, pratos, bibelôs de louça, isqueiros, frascos de desodorante usados, caixas de óculos, tampas soltas, cartelas de comprimidos vazias, porta-retratos, xícaras, escovas de dente, contas vencidas de luz, talheres, borrachas, frutas esquecidas, pincéis atômicos, contas de água a vencer, pentes, boletins escolares, cartões de viagem de um parente distante etc.), não é tão horrível quanto parece, pelo contrário, é ecológico, higiênico (protege do contato com as baratas) e muito prático (caso a sacola esfarele devido ao tempo de uso basta substituir por outra novinha em folha); w) o barulho que a sacola plástica faz quando manipulada não é necessariamente desagradável, mas relaxante, já que emula o barulho do mar; y) descumprir todas as regras (não entre, não mexa, não leia) deixando pegadas e digitais na poeira que cobre o chão e todos os objetos e móveis precários do apartamento, cedendo corajosamente à curiosidade e ao tédio que mais uma vez foram maiores que o medo, está longe de ser a maior afronta à figura paterna já atribuída a uma filha; z) ouvir continuamente, diante de qualquer tipo de frustração ou quebra de expectativa, seu pai urrar *eu quero a morte!* e perguntar a Deus com insistência e fúria *por que a morte não me vem?*, ouvir essa sequência de frases repetidas vezes até que se memorize o intervalo de tempo entre uma frase e outra e então se possa repetir junto com seu pai e declamar em

*image
not
available*

abaixo, só no térreo fui me dar conta de que tinha deixado a chave de casa no apartamento dele. Subi com o coração acelerado, temerosa de que ele, o sujeito do Não Tá Rolando, Vou Para A Puta Que Te Pariu, Beijo Na Testa, pensasse que eu estava inventando um pretexto furado para choramingar pelo seu amor mais uma vez. Dito e feito. Ele não só não abriu a porta como também me ignorou durante os dez minutos em que, primeiro, bati timidamente e num crescendo de cortar o coração me vi apertando a campainha de maneira contínua e furiosa. Um par de horas mais tarde, Lúcio me encontrou cochilando diante da porta do 402. Chamou meu nome algumas vezes, até que eu despertasse confusa no piso frio do hall e então explicasse que havia perdido minha chave e ele me desse a mão, respondendo com a voz mais bonita do mundo *tá tudo bem, filha, tá tudo bem.*

*image
not
available*

Nossa história me desorganizou muito; não consigo me compreender, avalie as pessoas que eu amo". "Seus lábios rugosos às vezes tropeçavam nos dentes que pareciam ouvi-la com atenção." "PASSEI EM FRENTE À CASA DELE E VI A JANELINHA DELE." "Abraço o meu caderno. Descobri que ele é eterno: não sou só eu, cara a cara com a melancolia. Vi que o que criei foi um monstro, que cresce cada vez mais, que eu não controlo mais" "... e depois, no coração, um risco azul. Foi a coisa mais cortante que já senti. Chorei então uma lágrima enforcada pelo meu sofrimento." "Vou me isolar de tudo e de todos, viver na minha cama lendo, arrotando e comendo biscoito.", "25.06.94, ando muito decepcionada e triste com a boca." "SABUGO AMA ABIGAIL, ABIGAIL AMA SABUGO." "Espremi tanto o meu nariz que deformei meu rosto... vou contar como é que foi o meu réveillon. Primeiro o Rogério passou aqui, depois, no caminho da casa do Felipe, tomamos uma garrafa de sidra inteira. Chegando lá, o álcool já tinha meio que se dissipado (o Sabugo não saía da minha cabeça), mas foi legal. Na hora da virada comi doze uvas em menos de um minuto. Não senti muita emoção, só uma alegriazinha fraca por a Terra ter completado uma volta inteira ao redor do Sol." "O Sean é lindo e se veste superbem (mas o cabelo dele parece uma galinha)." "Primeira carta. Certamente, passas esse tempo agora com uma gazela sibila. Não me importo, posto que sentes prazer e estás feliz. Segurar na minha mão e lembrar que ela um dia já foi tocada por ti provoca em mim um prazer inesgotável. Eu te amo e amo tudo quanto fez e fará — já que o presente não existe, o passado e o futuro, sim, estão comigo e contigo. A tua voz, veludosa voz, e o umbigo mais caprichado de toda uma existência. Ó, Deus, quanto eu te venero! Quando te vejo, me

*image
not
available*

O CHUTE

Prefiro imaginar que não estava grávida quando o Sean me chutou as costas. Era alta madrugada quando o pé direito do neozelandês de um metro e noventa mirou a parte de baixo das minhas costelas antecipando o chute. Lúcio estava dormitando no bar, diante de uma tulipa de chope morna, a poucas quadras de casa, e só voltaria quando os improváveis galos da vizinhança cantassem. Berta, a muitos quilômetros dali, despertava com o incômodo provocado pelas queimaduras de sol, resultado de dias alegres na praia ou na piscina, e então abria um potinho deixado sobre a mesinha ao lado da cama de um dos tantos quartos da casa de veraneio da Mariana e passava mais uma grossa camada de pasta d'água nos ombros esturricados. Sean me chutou a primeira vez e eu contive o grito por orgulho. Houve um silêncio brutal, como se o mundo tivesse parado de rodar. Como se a população inteira do planeta exprimisse um soluço surdo antecipando a catástrofe. O segundo chute veio um tanto hesitante, mas veio e doeu mais. O terceiro e o quarto foram inexpressivos; creio que Sean reunia forças para aplicar o quinto. Foi quando eu gritei. Eu gritei alto o suficiente para que o dachshund idoso do 102 despertasse da soneca, três andares abaixo, e se danasse a latir em máximo estado de alerta até ficar rouco. Horas depois, quando Lúcio voltou do restaurante, cuidando para não tropeçar nos tacos soltos do corredor, eu dormia sob o lençol,